

Caderno B

Dorival
Caymmi
90 anos

Autor de clássicos da MPB como *Dora* e *Marracangalha*, Dorival Caymmi festeja hoje os 90 anos em família. É assim que prefere. Afi-

nal, é celebração em dose tripla. Ao lado da mulher, Stella Maris, comemora ainda 64 anos de casamento e o aniversário da fi-

lha, a cantora Nana. No refúgio em Pequeri, Minas Gerais, Caymmi revelou à neta, a biógrafa e jornalista Stella, o orgulho pela

permanência da obra. Criticou o governo Lula com suavidade e ensinou: “Viver é lutar, mas também é aproveitar o que Deus manda.” **B1**



Dorival. Caymmi

O genial mestre da canção, que completa 90 anos hoje, fala à neta Stella sobre música, terrorismo e política

STELLA CAYMMI
JORNALISTA E AUTORA DE 'DORIVAL CAYMMI - O MAR
E O TEMPO' (EDITORA 34)

Baiano de nascimento, carioca por adoção, Dorival Caymmi sempre que pode se refugia na terra de sua mulher Stella, Pequeri, uma cidadezinha da Zona da Mata mineira. São longas temporadas passadas nas montanhas, longe do mar constantemente associado ao compositor das famosas canções praieiras. Lá ele recebe seus filhos, netos, bisnetos e os parentes de Stella que moram na região. Da varanda de sua casa, cumprimenta quem passa e aprecia os beija-flores que costumam frequentar o roseiral do jardim. Da cadeira de balanço, avista a Igreja de São Pedro, no alto da colina. Chegou a escrever um poema pedindo que a cidade retomasse o nome original, São Pedro do Pequeri: "Vamos juntar novamente/ Ao nome desta cidade/ A do

santo pescador/ E, rezando pra que rime,/ Pede Dorival Caymmi/ Com devoção, com amor".

Quando fala de Pequeri, Caymmi gosta de contar que, nos anos 40, quando a família costumava alugar uma modesta casa para o veraneio, ele pegava o trem com o cunhado João, marido de sua irmã caçula Dinahir, na estação Leopoldina no Rio às 6 horas da manhã. Chegava ao meio-dia à pequena estação de Pequeri, hoje desativada. Era uma viagem de poesia.

Na Semana Santa, Dorival Caymmi concedeu esta entrevista em que fala sobre os seus 90 anos de vida bem vivida - que completa hoje, junto com os 63 da filha, Nana, e os 64 de casamento com Stella Maris. Na conversa, Caymmi reflete sobre sua obra e a música de hoje, avalia o CD que os filhos fizeram em sua homenagem, lamenta o terrorismo e a violência do Rio de Janeiro e diz que políticos, como Lula, precisam fazer o que o povo quer deles. A idade nova será celebrada com um almoço em família, no apartamento de Caymmi em Copacabana, e com

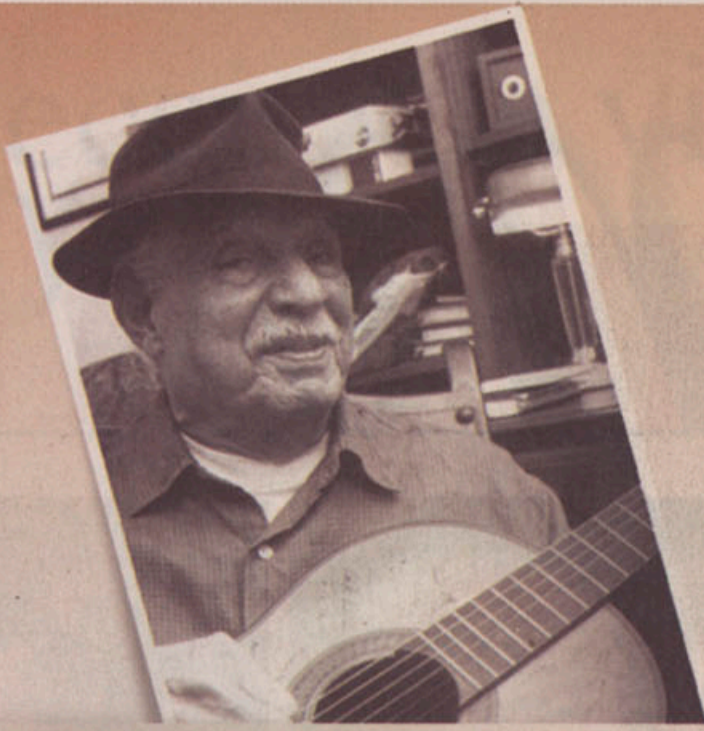
a estréia de um show com os filhos Nana, Dori e Danilo Caymmi, no Canecão (leia na página B6). Sábio como sempre, Caymmi dá sua receita de bem viver: "É seguir o que há de melhor que a vida pode oferecer, não é só o prazer. É a atividade, a hora da contemplação, a hora do sossego, a hora do bem-estar, a hora da obrigação".

- Como é fazer 90 anos?

- Ah! É uma emoção diferente. Nos deixa assim defronte de um espelho da memória, defronte assim do passado revisto naquele momento. Surgem na nossa cabeça momentos vividos da juventude, da infância, da mocidade e da maturidade mesmo. Muitas boas lembranças.

▶ CAYMMI CONTINUA NA PÁGINA B5

■ NA PÁGINA B7, UM PERFIL DA COMPANHEIRA DE 64 ANOS, STELLA CAYMMI



*Eu peço licença, mestre. Licença para trocar de lugar só um
 pouquinho. Hoje, deixe o poeta ser a inspiração. Hoje, eu é
 que queria fazer versos para você. Eu, que sempre fui a
 admirada, quero ser apenas uma admiradora. E agradecer a
 quem soube como ninguém transformar paisagem em poesia.
 Obrigada por colocar ainda mais beleza em meu mar e mais
 encanto em minha gente. Porque a beleza, o encanto, está
 também nos olhos do poeta. Seus olhos me enxergaram
 ainda mais bela. E através dos seus olhos o mundo inteiro
 me enxergou. Obrigada, Caymmi. Parabéns pelos seus
 70 anos. Receba o carinho da musa que sempre foi a sua tá.*

Bahia
 Berço de Caymmi




**GOVERNO
 DA BAHIA**

O mundo visto de Pequeri

Fotos de Fernando Rabelo

CAYMMI

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1

– Alguma lembrança especial vem à memória?

– O melhor são as recordações da infância e da adolescência, o convívio familiar e a descoberta da vida cá fora. Da mocidade é que surgiu a noção de independência, eu comecei a gostar do que fazia. Fui me realizando como indivíduo.

– E como é chegar a essa idade sendo tão admirado pelo povo e considerado pela crítica um dos maiores compositores brasileiros?

– É de uma seriedade, de um respeito... Você sabe que está sendo observado. Isso acorda em você um princípio de vaidade, vaidade com a qual você tem que discutir, para ver que posição toma. E, então, tomada essa posição, continua suavemente o trabalho com a vida, acompanhando o gosto popular, acompanhando as amizades, respeitando. Assim cresce um artista dentro de si, da sua mente. Eu me comporto assim graças ao auxílio da família, e também da educação familiar, da infância, da adolescência. Gostar da vida é essencial.

– Muitos críticos afirmam que sua música será sempre lembrada e executada pelas futuras gerações. O que o senhor pensa disso?

– Eu nunca fui de pensar a fundo nisso. Mas tem gente que diz que eu posso resistir ao tempo. Tenho visto exemplos de esquecidos no decorrer das carreiras. De repente, vejo que pelo tempo que eu tenho de atividade, chegando aos 90 anos, deixo lembranças. Sinto nas pessoas amor nos olhos, amizade, respeito.

– Independente da qualidade intrínseca da sua música, o senhor acha que o fato de a família prosseguir na música e can-

tando Caymmi contribui para isso?

– Contribui. É uma alegria muito especial quando você descobre que um filho tem a vocação de seguir o que você faz, a mesma linha de bom gosto, de agradar o próximo de uma maneira bonita. Isso me agrada muito.

– Como é que o senhor se sentiu ao ouvir o disco em que seus filhos, Nana,

Dori e Danilo, gravaram os seus sambas, como presente de aniversário?

– Realmente, me causou uma emoção grande. Eu nem pensava no aniversário. Ao ouvir em casa a prova do disco, fiquei comovido. Eu sou um pouco contido nos atos, no pensar, mas dessa vez confesso que fiquei emocionado, disfarçando sempre. Ninguém notou que eu estava realmente comovido.

– O senhor sente vontade de compor coisas novas ou preferir dar sua obra por encerrada?

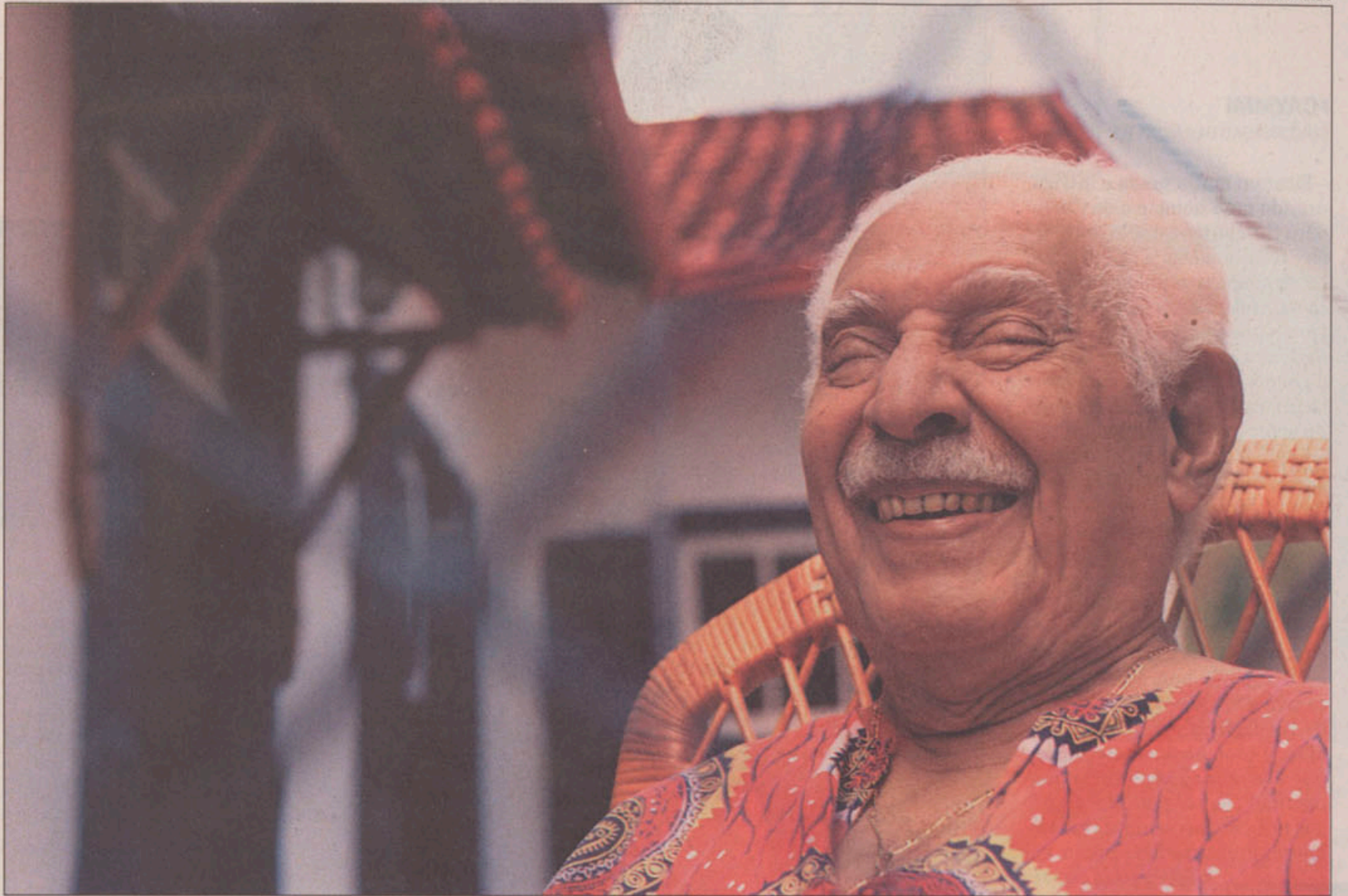
– Não, ainda não posso dar por encerrada. Eu sempre sinto a ânsia: vem espontaneamente uma idéia ou lembrança de uma canção da mocidade, já esquecida, enquanto eu não era profissional. Note bem, antes de eu ser profissional de música, eu já fazia canções para brincar comigo mesmo, na Bahia.

– Pode surgir alguma coisa nova para os 90 anos?

– Eu não duvido! Eu sinto que ainda vivem em mim aqueles momentos de criatividade.

– Como é que o senhor viu a eleição do Lula?

– Eu não sou tão político assim, para estar examinando qualidades de homens escolhidos pelo povo. Acertando ou não, é o povo que fala. Eu não sou de política. Até me juntei, convivi com políticos de esquerda e de direita, formas políticas, parti-



O SORRISO largo é marca registrada de Caymmi, que começa a acreditar na permanência de sua obra: 'Tem gente que diz que posso resistir ao tempo'

dos, mas nunca fui entrosado nessa coisa de política. Eu quero sempre que o país em que reside a minha família tenha como governante um homem sincero, forte, capaz de resistir ao trabalho que dá um país do tamanho do Brasil. Não sei lembrar de heróis na direção da República. Houve populares, como Getúlio Vargas, que ficou muito tempo no governo... antes dele teve Washington Luís, respeitado mas pouco comentado. Depois veio Juscelino, que fez Brasília. Até chegar no Lula, de origem humilde, parece. Mas não sei se o trabalho dele está sendo uma coisa que renda o que o Brasil merece, por causa da tarefa de governar um país desse tamanho. Nessa época, acho que é uma tarefa difícil. Não é para um homem só. Mas quem governa realmente é o povo, que tem suas ansias. Não admiro um político por suas qualidades pessoais. Ele precisa amar seu povo.

– Como?

– Tem que seguir o que o povo deseja.

– E como é que o senhor está vendo o mundo de hoje, com a intolerância, a guerra do Iraque, o Afeganistão, o atentado de Madri e o do World Trade Center?

– Eu só acho um ponto de convergência: na história do comportamento humano sempre houve guerras. Eu procurei entender, quando era moço, e também já maduro, já vivido, a razão das guerras, a procura de conquistas através de força e de violência. Eu sou contra. Eu não entendo por que essa ambição. Tenho fé num poder maior: Deus. Ele deve achar a forma de consertar, porque o homem demonstrou até hoje ser inca-

paz de resolver esse ponto.

– Como o senhor vê o Rio de Janeiro hoje, com tanta violência, tantas mazelas?

– Eu não gosto. Há uma explicação: a evolução do tempo, a saída da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Não fui contra Juscelino [Kubitscheck], nem Oscar Niemeyer. Mas está tudo muito errado: o crescimento da população pobre, o crime, a violência. Tudo isso me dá nojo, eu nem converso sobre o caso. Quem mora em Copacabana há muito tempo e ainda está por lá lembra daquele morro assim: tinha flores, araras, pavão andando ali na que as subidas... Hoje tem barracos, tem crimes, vícios, dentro do coração da beleza do Brasil, desse Rio de Janeiro que eu amo loucamente.

– Para governar o Rio de hoje é preciso ter uma capacidade muito especial. Eu ainda não vi até agora quem tivesse um gesto carioca, real, de consertar alguma coisa no Rio de Janeiro.

– Na sua opinião, de que o Brasil precisa?

– Precisa de homens, de um grupo de homens, ou um homem só que seja, excepcional, para governar o Brasil no sentido de dar educação e instrução, comportamento e funcionalidade. Alguém que saiba inspirar respeito, estimular o povo a saber

viver, a evitar a violência, saber ser sério, saber ser amigo, saber ser colega.

– Como é o seu dia-a-dia em Pequeri?

– Meu dia-a-dia em Pequeri? É ser preguiçoso. É um lugar de descanso muito agradável. Tem coisas como essas, que me vêm ao coração: lembrar da minha mulher, a Stella Maris do rádio, que nasceu aqui. Aqui é um ponto de Minas Gerais daqueles de muita paz, muita tranquilidade, noites muito agradáveis, amizades também boas, tudo muito sereno.

– E o senhor lembra de quando fez?

– O dia-a-dia é acordar cedo, com o sol. Clareou o dia, eu estou acordado. Não pulo da cama como fazia jovem. Mas levanto, faço o que posso fazer, tenho auto-domínio para não cometer erros, tudo de acordo com a minha idade. Eu saio. Quando quero auxílio, peço. De manhã eu procuro ler alguma coisa, jornal, página de um livro... Ou brincar com moedas antigas, o que me distrai muito e me afrouxa os nervos.

– O senhor é muito observador. O que há para observar na cidade?

– Ah! Observar a paisagem, essas colinas, as flores, a floresta, os pássaros, a natureza em si, que eu respeito e amo. Porque a natureza nos dá momentos de rara felicidade.

– O que significa Stella Maris na sua vida?

– Ah! Um amor sereno, inexplicável. Quem olha para mim e olha para ela não acredita que aquele par, de aparência diferente, tenha uma ligação secreta, divina, bonita, amorosa, de 64 anos de convívio, sem separação. Somos casados desde

1940 e eu muitas vezes paro para contemplar a prole, de imaginação: os três filhos, os sete netos, os quatro bisnetos, os amigos do casal.

– O senhor se considera responsável pelo abandono da vida artística da cantora Stella Maris?

– Nunca eu faria essa asneira. Porque eu vi minha mulher a primeira vez, juvenzinha de 16 para 17 anos, na estação de rádio, num domingo de folga na Rádio Nacional.

– Foi amor à primeira vista?

– Amor à primeira vista. Eu não sabia que eu estava amando. Eu estava naquele auditório fechado, com vidro, e ela lá dentro. Uma fila de seis a oito jovens e o animador, a orquestra. Era um programa de calouros. Ela já tinha cantado em outras estações, mas eu não a conhecia. Eu pensei que ela ia cantar uma música clássica. Ela estava muito bonita, muito séria, com cara de soprano.

Quando o animador perguntou a ela o que ela iria cantar, ela disse: *Último desejo*, de Noel Rosa. E cantou com uma voz que eu não acreditava que pudesse sair daquela lindeza.

– Com tantas músicas de sucesso, gravadas e regravadas continuamente, sem mencionar as gravações no exterior, o senhor ficou rico?

– Não, fiquei naquela medida do burguês da classe média, não é? Sem riqueza e sem pobreza também. Sempre feliz, em companhia de amigos que fiz, tenho muitas boas lembranças dos amigos que tive. Lamento, certas horas, suavemente, com doçura, com boa verdade e beleza, os amigos que já foram. Eu tenho muita saudade assim dos amigos que morreram, meus companheiros de conversa, da minha conversa própria, que estão indo embora. Eu sinto muita falta!

– De quais o senhor sente mais falta ultimamente?

– Dos amigos do convívio comum, que eram de casa, da família. O José Tostes, por exemplo, o irmão de minha mulher, era boa companhia. Fernando Lobo, companheiro de música, também. Chegamos na mesma época no Rio. Antonio Maria, Alberto Lee, Carlinhos Guinle...



'Político tem de amar seu povo, seguir o que o povo deseja'



'Ainda não vi quem tivesse um gesto real de consertar alguma coisa no Rio'



'Não posso dar minha obra por encerrada, ainda tenho criatividade'



COM OS FILHOS Dori e Nana: 'É uma alegria especial descobrir que um filho tem a vocação de seguir o que você faz'

CAYMMI CONTINUA NA PÁG. B7

Receita de vida

Fernando Rabelo - 23/05/2001

ICAYMMI

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B5

– Fizeram muita piada e intriga usando meu nome e o de Carlinhos Guinle, porque ele era realmente milionário. [Caymmi é autor de sambas-canção em parceria com Guinle, que na opinião de alguns representariam uma capitulação à cultura urbana carioca.] E eu não sou milionário nem nunca fui. Falta de vocação. Na área de artes plásticas tinha muitos amigos. [Os pintores] Clóvis Graciano, Portinari, eram os mais famosos. Mas tudo entre nós era muito simples. Carybé, Jorge [Amado] – que saudade! Irmão de coração!

– O senhor teria gostado de ficar rico?

– Gostar não. Acho que dá uma certa comodidade. Mas a riqueza tem duas faces. Uma, a face de ser cômoda, de se ter muito. Mas, a toda hora, os ricos têm que atender alguma coisa. É o resultado de ser rico. Meus amigos milionários sempre tinham muitas preocupações. Então, eu nasci para a classe média mesmo.

– Como é que o senhor se sente vivendo longe do mar?

– A presença do mar, a presença das coisas físicas que a gente têm não saem da memória, e a memória vê. Embora você tenha o desgaste dos sentidos, da visão, da audição...

– O senhor nasceu na Bahia, vive no Rio, e agora está em Pequeri. O senhor

agora é mineiro?

– Ah! Sou mineiro, sou baiano, porque nasci na Bahia – na rua do Bângala. Eu sou brasileiro e amo o Brasil. O mar, para mim, está aqui perto. Eu vejo o meu Abaeté querido, na Bahia. Vejo amigos queridos: o Millôr Fernandes; vejo o Carybé, argentino-baiano; vejo de repente uma prima do Rio Grande do Sul, a Alice querida... Vejo tudo o que quero com o sentimento da memória. Então, se eu quiser ver aquela paisagem, aquela coisa, não preciso trazer o mar para perto de mim, ele está no meu coração.



CAYMMI, autor das canções praieiras, ao violão: 'Não preciso trazer o mar para perto de mim, ele está no meu coração'

– Por que o senhor nunca aprendeu a nadar? Não quis?

– Eu mergulhei, tentei nadar, na-dei cachorrinho, uma coisa assim. Mas braçada eu não conseguia acertar. Fui cair n'água da primeira vez já na idade de rapa-

zinho. Não consegui aprender. Agora, eu adorava mergulhar: jogava uma coisa no mar limpo assim, e pulava. Itapuã era uma praia linda! Cheia de coqueiros bonitos, areia branca bonita. Eu mergulhava e conhecia também

o fundo do mar.

– O que o senhor acha da música brasileira de hoje?

– A música popular é tirada do povo e dada de volta ao povo, de uma forma de que ele goste, com a qual tenha prazer. Hoje o pra-

zer não tem o lado poético, é mais de visual, do aceno, do pulo, da dança, da atividade física. Não é da cabeça para a garganta. É a gesticulação, é a imagem no ar, vindo em casa tranqüilo a televisão. E a reforma feita na música é de mau gosto. A música atual não atinge o sentimento como sempre foi. Hoje é levantar da mesa e dar um pulo. Ficaria feio antigamente, hoje não. Então, a música de hoje não tem expressão para mim.

– O senhor conhece alguém da nova geração?

– Eu devo conhecer, até porque esses artistas passam tão depressa atualmente. Estamos nesse ponto: excesso.

– Como o senhor analisa a sua obra hoje?

– Eu gosto. Eu analiso como um elemento para pesquisa dos jovens. Eles é que vão apreciar, dizer se eu fui um bom autor, um bom compositor, um bom cantor.

– O senhor está completando noventa anos. Tem algum conselho para dar sobre a vida?

– Ah, sim! Tenho. É seguir o que há de melhor que a vida pode oferecer, não só o prazer. É a atividade, a hora da contemplação, a hora do sossego, a hora do bem-estar, a hora da obrigação, de ser fiel. Têm os erros de hoje, falhas de educação... Nós precisamos de instrução, educação doméstica, educação de cidadania. É o que eu desejo, é o que eu imagino para a felicidade de uma nação.

– Qual é o sentido da vida para o senhor?

– O sentido da vida é uma beleza que Deus criou: viver é lutar, mas também viver é viver; viver é aproveitar o que Deus manda. Deus nos dá diariamente e repete para que você não esqueça: o sol amanhece, o sol se põe, a lua faz essa viagem em torno da Terra. Essa beleza da vida natural é o grande privilégio que o homem tem. E a contemplação, sem deixar de funcionar e fazer funcionar suas sabedorias, seus conhecimentos para ajudar a si e ao seu próximo.

– Qual é o sentido da vida para o senhor?

– O sentido da vida é uma beleza que Deus criou: viver é lutar, mas também viver é viver; viver é aproveitar o que Deus manda. Deus nos dá diariamente e repete para que você não esqueça: o sol amanhece, o sol se põe, a lua faz essa viagem em torno da Terra. Essa beleza da vida natural é o grande privilégio que o homem tem. E a contemplação, sem deixar de funcionar e fazer funcionar suas sabedorias, seus conhecimentos para ajudar a si e ao seu próximo.



'Viver é lutar, mas também é aproveitar o que Deus manda'

Em busca da velhice perfeita

Fernando Rabelo

Filhos fazem da convivência com o pai um aprendizado

HELENA ARAGÃO

Toda semana, Dori liga de Los Angeles para saber como andam as coisas com os pais. E sempre se diverte com a mesma resposta.

– Papai diz que está tudo a "lesma lerdada", trocando o m pelo l – conta, rindo.

Santa lerdada que fez Dorival Caymmi chegar aos 90 anos com saúde. Tal dádiva será celebrada pelos filhos – Dori inclusive – no show de lançamento do disco *Para Caymmi*, de hoje a domingo, no Canecão. De volta ao Rio depois de uma temporada em Pequeri, Dorival não revela se vai ou não na festa. Seja como for, a brejeirice, a simplicidade e a tranquilidade estarão representadas nas histórias contadas em cena pela prole. E o lado temperamental, menos conhecido do público, também.

– Não parece, mas ele é mais radical que mamãe e os filhos. Quando não gosta de algo, fecha a porta e vai embora, enquanto nós brigamos para caramba, mas resolvemos tudo na hora – explica Dori.

Mas, ao contrário de muita gente, apesar da reserva Dori-



DORI, Nana e Danilo se miram no exemplo do pai. 'Ele ficou mais tolerante com o passar dos anos', afirmam

val não é de sofrer em silêncio nem de guardar rancores com o passar dos anos.

– Não conheci ninguém que reagisse bem à velhice. Só papai. É um exemplo de como envelhecer com dignidade. Por in-

crível que pareça, ele ficou mais tolerante. É um camaleão, se adapta bem às mudanças. Bem diferente de mim, um inconformado de carteirinha, um Ariano Suassuna piorado – observa Dori.

O segredo para isso está em dois aspectos: a contemplação – e aí o alvo pode ser uma janela, um passarinho, um quadro – e a obediência às determinações da esposa Stella.

– Se mamãe diz para não co-

mer sal, ele não come e não reclama – conta Danilo.

Também não se revolta com as impossibilidades que a idade avançada traz. Hoje não pode mais ler, atividade que ocupava boa parte do seu dia.

– Depois que a vista começou a falhar, tentou a lupa. Agora temos que ler o jornal para ele. Mas ele aceita isso sem problemas, o que me deixa feliz – diz Dori.

Mesmo com os ânimos tão diferentes dos do pai, Nana, Dori e Danilo se espelham nas lições de Dorival quando consideram suas próprias perspectivas de futuro.

– Se tem algo que admiro em meu pai é a sua leveza. Confesso que, nisso, gostaria de conseguir imitá-lo. Queria ficar menos nervosa e agitada – diz Nana.

Danilo conta que já comprou uma casa em Pequeri. Dori faz planos de se aposentar aos 65 (hoje tem 60) e retornar ao Brasil:

– Mas para o Rio não volto. Só para o interior.

Enquanto esse dia não chega, passa temporadas na casa dos pais quando vem de férias. E festeja o bom momento com eles.

– Estamos mais próximos nos últimos anos. Temos muito mais a dizer um para o outro hoje em dia – diz Dori.



CAYMMI e Dona Stella, que já foi cantora na Rádio Nacional, onde conheceu o compositor. 'Eles formam uma única entidade, um não existe sem o outro', diz a neta Stellinha

'Eu sou assim'

Ora doce e protetora, ora brigona e encrenqueira, Stella Maris é a cara-metade de Dorival

HELENA ARAGÃO

O nome de Dorival Caymmi se confunde com consensos. Considerado um dos maiores compositores brasileiros e o letrista com mais sensibilidade para traduzir o espírito da Bahia, ele é símbolo também de simplicidade e dignidade. Mas, para amigos e parentes, a maior unanimidade que envolve o artista pode ser resumida na máxima que diz que por trás de todo grande homem há sempre uma grande mulher. Ou seja, sem Stella Maris, Dorival Caymmi simplesmente não seria Dorival Caymmi. Os filhos explicam:

– Ele não saberia se organizar sem ela – acredita Dori.

– Ela é o esteio da família – opina Danilo.

– Sem ela, papai jamais estaria chegando aos 90 anos – afirma Nana.

Aos 82 anos, ela se dá o direito de concordar. E acrescenta:

– Sempre fui mais do que esposa. Represento várias pessoas da família: mãe, mulher, irmã.

Por isso, o dia 30 de abril não é marcante apenas por lembrar o nascimento de Dorival. Foi nessa mesma data, em 1940, que o compositor se casou com a cantora Adelaide Tostes – então já conhecida pelo nome artístico de Stella Maris, que ganhara pouco antes. Conta-se que Caymmi levou um susto ao contemplar pela primeira vez a bela moça de cabelos louros e olhos azuis,

'Represento para ele várias pessoas da família: mãe, mulher, irmã'

na Rádio Nacional. E voltaria a se surpreender com ela muitas vezes na vida. Por exemplo, ao vê-la decidir largar a carreira de cantora tão cedo. Ou ao notar sua total ausência de papas na língua, característica que mantém intacta, como confirma ao justificar sua opção pela vida doméstica:

– Vi cenas que me abalaram muito na Rádio Mayrink Veiga. Coisa de putaria mesmo, de gente que se vendeu para subir na vida – conta Stella.

Hoje, confessa que já pensou em como teria sido sua vida se não tivesse abandonado a profissão:

– Nunca quis ficar famosa nem fazer carreira. Mas quando tinha 50 anos de casada, chegou a passar pela minha cabeça como seria minha vida se eu fosse independente. Ter que pedir dinhei-

ro para qualquer coisa era um martírio.

Trata-se de uma mulher de opinião. Entrevistada em 1994 pela coluna Perfil do Consumidor, do **JB**, afirmou que sua música predileta é *Minha*, de Francis Hime (mas honrou o marido no quesito frase preferida: "A jangada voltou só"). O gênio forte acabou gerando uma imagem ambígua da ex-cantora capricorniana, como explica o compositor Ronaldo Bastos, um dos agregados do clã Caymmi:

– Em muitos momentos, ela é o homem da casa. Sabe dar bronca como ninguém, embora seja também de uma doçura sem tamanho. As histórias de Stella já ganharam status de lenda e só são comparáveis às de João Gilberto e Roniquito de Chevalier (*jornalista*).

De fato, ela sabe valorizar

seus bons momentos, mas é brigona de dar gosto, uma característica que passou para os três filhos. Para defender a prole, criou fama de encrenqueira na vizinhança de Copacabana. Mas foi para tentar garantir sua integridade como esposa que mostrou uma personalidade que está mais para João Valentão que para Marina ou Rosa, personagens de canções de Caymmi. Como o protagonista da obra-prima, chegou a "dar bofetão" e "fazer coisas que até Deus duvida".

Algumas das histórias estão imortalizadas na biografia *Dorival Caymmi – o mar e o tempo*, publicada pela neta Stella em 2001: como a vez em que viu, ao fim de uma peça, uma mulher enlaçar o marido com uma écharpe. A briga foi ali mesmo, no saguão do teatro. Ou quando recebeu o telefonema de uma

mulher que dizia querer comprar Dorival. A resposta foi irônica:

– Pode levá-lo de graça, desde que o direito autoral fique.

Por essas e outras situações, chegou a declarar à neta:

– Se houvesse anticoncepcional na época, ele era corno.

As vezes, sobrava para quem estava em volta, como o amigo de Dorival, Marcelo Machado:

– Ela já brigou muito comigo, dizendo que eu o levava para a farra.

Para Zélia Gattai, viúva do escritor também baiano Jorge Amado, outro grande amigo de Dorival, o fato de Caymmi viajar com frequência ajudou a aumentar a fofoca em torno de suas "puladas de cerca":

– Dorival era galã, tinha olhar de picardia. Ela nem sempre o acompanhava nas viagens por-

que tem uma certa claustrofobia, tem horror de avião. Quando desconfiava de alguma coisa, engrossava. Mas eles acabavam sempre se entendendo.

É verdade. Mas, embora as histórias do passado tenham tom de folclore e hoje provoquem risos, deixaram marcas.

– Vovó não esquece o que sofreu. Quando o vovó começa a elogiar, ela mostra ceticismo e responde com ironia. Mas, no fundo, ela sabe que ele é louco por ela. Eles formam uma única entidade, um não existe sem o outro – conta a neta Stellinha.

As provas estão no dia-a-dia do casal. Há 30 anos, quando o compositor teve que parar de ingerir bebida alcoólica por problemas de saúde, Stella, até então uma cervejeira convicta, parou junto. Noveleira assumida, ela não arreda pé da frente da TV até o último folhetim. Dorival acompanha a esposa, em geral cochilando no sofá. Só vai dormir junto com ela.

– E não pense que isso é coisa de agora. Sempre foi assim – conta Danilo.

Precavida, Stella se preparou para a velhice. Tem lá seus problemas de saúde, mas continua corajosa para fazer o que quer. Evita dar trabalho aos filhos e, por isso, durante muito tempo pagou mensalidade em uma casa de repouso:

– O maior medo dela era ver papai velho pedindo esmola na porta da igreja. Mas depois de tanto economizar para garantir o futuro, não é que o asilo faliu? – conta Nana, sem evitar o riso.

Hoje, o que ela quer mesmo é ficar em casa – em Pequeri, cidade mineira onde nasceu, ou, de preferência, no apartamento da Rua Souza Lima, em Copacabana. É nesses lugares, rodeada de netos e bisnetos, que constata que tudo valeu a pena.

– Não me arrependo de ter protegido minha família. Todo o sacrifício que fiz foi espontâneo, sem fins lucrativos ou intenção de ser heroína. Eu sou assim.

E, como João Valentão, ela sabe que não precisa dormir para sonhar. Afinal, não há sonho mais lindo do que aquele que mais lindamente se realiza: uma prole alegre, bem ao gosto de uma autêntica matriarca.



RETRATO de Stella feito por Dorival em 1945: casamento foi no dia 30 de abril de 1940